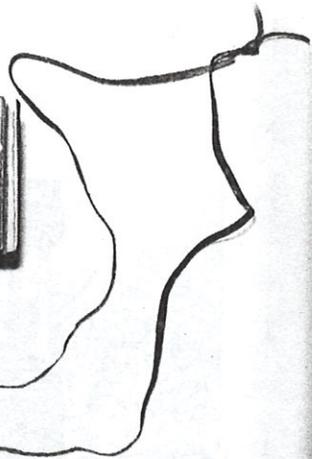


Estética
AFAD

Eduardo França Paiva

Pequenos objetos, grandes encantos

HCGB



Santinhos, escapulários, figas ou crucifixos...

Quem não tem algum? Chamados de amuletos, hoje servem como rica fonte para o estudo de antigas crenças e grupos sociais

“**P**ode haver uma sugestão filosófica no brinco”, escreveu certa vez o viajante norte-americano Thomas Ewbank, em visita ao país no século XIX. Talvez nem ele tenha conseguido captar os significados de sua afirmação, mas o universo cultural brasileiro, plural como o conhecemos hoje, se formou, também, a partir do uso desses objetos e do que eles representavam. Contra mau-olhado, inveja, bruxarias, doenças do corpo, males do espírito; símbolos de autoridade e de poder, instrumentos rituais e mágicos: todas essas possibilidades vêm sendo atri-

buídas a amuletos e talismãs desde a Antiguidade até os nossos dias.

No Brasil atual, ainda se acredita que os amuletos estão mais associados a cultos afro-brasileiros, o que nem sempre é verdadeiro. Um caso clássico é o da figa. Vinculada a um passado escravista e, por isso, a uma origem africana, é um amuleto antiquíssimo, provavelmente da Europa mediterrânea, e que não teve só a função que hoje se conhece, de trazer sorte e proteger o usuário: a semelhança com as genitálias masculina e feminina sugere uma referência à sexualidade e à fertilidade. E mesmo vindo do Mediterrâneo, foi perfei-

A figa e o dente de javali, aos quais muitos associam poderes mágicos, são amuletos presentes em diversos rituais da cultura brasileira, como os da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, na Bahia. Acima, talismã em forma de livro com inscrições em árabe usado pelos malês, negros de origem muçulmana que se revoltaram em Salvador, em 1835



A. GONDIM

Nas aquarelas de Debret, representação de escravos de rua, próximo ao porto do Rio de Janeiro (ao lado) e de uma negra vendedora de caju, trazendo à cintura vários balangandãs, dentre eles a figa, amuleto que garantia proteção (abaixo)



J.-B. DEBRET, 1826. MUSEUS CASTRO MAYA

tamente incorporado aos amuletos afro-brasileiros, evidenciando assim uma mistura de culturas.

Com a entrada sistemática de escravos africanos na América portuguesa, a partir do final do século XVI, um novo universo mágico passou a compor o cotidiano colonial, através de rituais e de objetos “encantados”. Salvador, na Bahia, e Pernambuco haviam se transformado em importantes centros que recebiam os ritos e as magias vindas com os escravos. E não eram só receptores, mas exportadores de cultura, uma vez que os cativos depois eram transferidos para outras regiões.

O receio de problemas com a igreja pode ter sido um dos motivos que levou a ex-escrava a desmembrar sua penca e dividir os pingentes entre alguns amigos

No século XVIII, parte desse tráfico interno de escravos foi direcionada para Minas Gerais, junto com muitos negros nascidos no Brasil, além de homens e mulheres livres que para lá se encaminharam atraídos pelo ouro. Rapidamente, porém, a economia da capitania se diversificou e, ao lado da mineração, cresceram a agricultura, a pecuária, o comércio, as artes e ofícios, e desenvolveu-se uma extensa malha urbana. Havia então um ambiente propício à eferescência cultural, ao acúmulo de renda e aquisição de bens pelos escravos, à compra da alforria e à ascensão econômica de libertos.

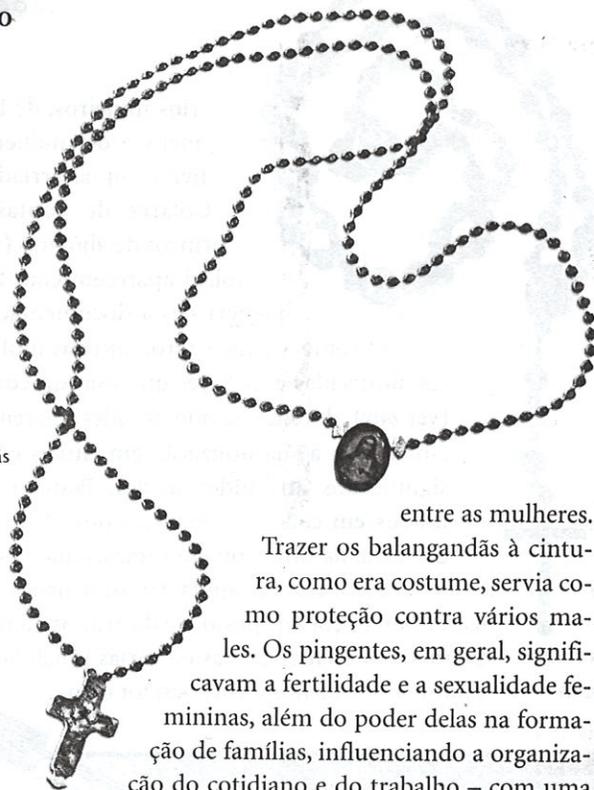
Nesse contexto, amuletos, talismãs e outros objetos que incorporavam significados sobrenaturais foram freqüentemente usados, com notável presença



J.-B. DEBRET, VOYAGE PITTORESQUE - 1822

Ao lado, a negra em traje luxuoso, representada em um cartão-postal entre 1880 e 1900, lembra as ex-escravas que ascendiam socialmente e demonstravam sua nova condição ostentando enormes pencas de balangandãs

Ao contrário da Bahia, as pencas de balangandãs eram pouco usadas em Minas Gerais. Na aquarela de Carlos Julião (abaixo), um negro traz no pescoço, misturados, amuletos de origem africana e um crucifixo



entre as mulheres. Trazer os balangandãs à cintura, como era costume, servia como proteção contra vários males. Os pingentes, em geral, significavam a fertilidade e a sexualidade femininas, além do poder delas na formação de famílias, influenciando a organização do cotidiano e do trabalho – com uma perspectiva materna, ou matrifocal, e feminina, na qual os balangandãs passaram a integrar a indumentária das forras, o que pode ser identificado na iconografia produzida na época.

O que parecia ser um adorno sem especial importância para uns, era indicador de autoridade, poder, devoção e proteção para outros. É o caso da negra Bárbara Gomes de Abreu e Lima, guardiã de tradições ancestrais, sacerdotisa e exemplo de mobilidade social e poder, que não só havia conseguido a sua libertação, como comprado a casa onde morava – no largo da igreja matriz da Vila de Sabará, em Minas Gerais, endereço nada modesto.

Sua rede de amizades também era notável. Ampla, espalhou-se por vários locais das Gerais e da Bahia, com negócios distribuídos por toda essa área, embora nenhuma palavra tenha sido dedicada a explicar suas atividades, quando ela decidiu registrar em

IHGB



cartório, no ano de 1735, seus bens testamentais. Para cuidar de seus interesses, indicou 12 homens de confiança como testamenteiros. Entre eles, um capitão-mor, o vigário da Vara da comarca do Rio das Velhas, um mestre-de-campo, dois sargentos e um tenente-coronel. Nenhum dos indicados era negro ou mestiço e não parecia haver pobres entre eles.

Mas o que chama a atenção no testamento é o conjunto de pequenos objetos listados: tratava-se dos componentes de uma penca de balangandãs que estavam dispersos e empenhados na mão de algumas pessoas próximas a ela. Eram muitas correntes e pequenos objetos em formato de águia, pente, estrela, coração, um menino Jesus e

uma Nossa Senhora da Conceição, tudo em ouro, um corral grande com uma figa pendurada, uma bola de âmbar, entre muitos outros. Em nenhum momento há referência ao objeto original. De toda forma, fica claro no testamento o desejo dela de

No Brasil contemporâneo, acredita-se que os amuletos estão mais associados a cultos afro-brasileiros, o que nem sempre é verdadeiro. Um caso clássico é o da figa



que todos os berloques reintegrassem a penca após sua morte.

Comum entre escravas e alforriadas da Bahia, essas penchas de pequenos amuletos eram pouco usadas em Minas Gerais. E talvez o receio de repreensões e punições da Igreja, que condenava a associação de objetos em práticas hereges, tenha sido um dos motivos que levou Bárbara a desmembrar seus balangandãs e dividir os pequenos pingentes entre alguns amigos, pulverizando assim o sentido transgressor do talismã. Mantê-los entre conhecidos poderosos era, portanto, uma boa estratégia de defesa. Afinal, ela havia experimentado uma ascensão econômica extraordinária e não teria distribuído e penhorado seus objetos por necessidade financeira.

Outro fato que impressiona é a enorme incidência de corais e de tecidos coloridos nos inventá-



rios mineiros, de homens e de mulheres, livres ou alforriados. Colares de contas e brincos de aljôfares (pérolas) aparecem com frequência nessa documentação.

O âmbar é mais raro. Entre as mulheres alforriadas e as livres que usavam corais (ver *box*), deve ter havido grandes diferenças em relação à sua utilização em rituais e aos significados atribuídos a eles. Podiam ser usados em colares, à maneira dos africanos da Costa da Mina, ou em ramos, à moda dos amuletos europeus ou, ainda, transformados em figas. Eram opções de pessoas e de grupos. Já misturá-los a diferentes contas de várias tonalidades, junto a outros fios e cordões, foi esco-

O escapulário (na página anterior) e o terço são objetos de devoção que carregam a cruz, talismã que atravessou os séculos com diferentes "poderes": proteger, amedrontar e conduzir as pessoas



Atração coral

Entre o material trazido pelos mercadores para a América portuguesa, um deles, em particular, foi largamente usado pela população colonial, particularmente pelas mulheres alforriadas do século XVIII: os corais, tanto os vermelhos, mais comuns, quanto alguns mais raros, como os azulados. Material orgânico marinho, não era explorado na costa brasileira, mas no Mediterrâneo e no Oceano Índico. Os mercadores venezianos, por exemplo, traficavam corais entre o Ocidente e o Oriente e os incluíam nos negócios com o norte da África desde o século XV. Era mercadoria apreciada e cara em toda essa região, e usada em diferentes enfeites corporais, objetos decorativos e amuletos.

Os pintores renascentistas italianos, com frequência, colocavam colares e pulseiras de coral vermelho em contas polidas nas suas inúmeras representações da *Virgem com o menino*. E uma rama de corais muitas vezes aparece pendendo no colar em torno do pescoço do menino, como amuleto contra mau-olhado e outros males. Em vários desses quadros, eles aparecem junto com romãs, cachos de uvas e cenas de aleitamento, sugerindo a fecundidade materna.

Representações semelhantes foram realizadas por vários pintores da Holanda, de

Flandres e da França nos séculos XVI e XVII, que associavam grandes e viçosas ramos de coral à América, uma alusão ao "exotismo", à fertilidade e às riquezas da região.

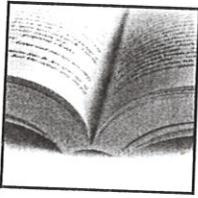
No continente africano, os navegadores portugueses estabeleceram contatos comerciais, feitorias e fortalezas em toda a área do Golfo da Guiné desde a primeira metade do século XV e em troca do ouro aí existente deixaram, entre outras mercadorias, grande quantidade de corais. Tratava-se de item precioso na África, assim como na Europa, e os portugueses sabiam disso perfeitamente. No antigo Reino do Benin, parte da atual Nigéria, desde 1400 eram feitas cabeças em cobre, que tinham o pescoço completamente coberto por voltas de corais polidos, sob a forma de pequenos cilindros.

Os corais trazidos do Oriente Médio, da Ásia, do Mediterrâneo – Itália, Espanha, Argélia, Tunísia – se transformaram em objetos de uso corrente da corte beninense e em várias regiões da África Central, e também eram apreciados no reino Ashanti ou Costa da Mina (atual Gana) e nos reinos do Daomé (povo Fon) e Yoruba (atual Nigéria). A eles e a outros tipos de contas coloridas muitas vezes foi associado o ouro, existente em quantidade significativa nessas regiões.



C. DA MODENA. 1420 - S. MUSEU DO LOUVRE

tais.
ens
um
Rio
dois
nel.
o ou
po-
ção
o de
rata-
uma
vam
o de
ela.
enos
ente,
sus e
uro,
uma
hum
toda
la de



Para saber mais

BARBOSA, Duarte.
Livro do que viu e ouviu no oriente. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

EWBANK, Thomas.
Vida no Brasil. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia / Editora da USP, 1976.

LODY, Raul. *Jóias de Axé; fios-de-contas e outros adornos do corpo – a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz; feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VASCONCELOS, José Leite de. *Signum Salomonis, a figa, a barba em Portugal; estudos de etnografia comparativa*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1996.

Em alfinete de corais (na página anterior) ou na forma de pingentes de metal, não importa: as figas (no alto) simbolizam a força dos talismãs que trazem sorte e proteção

Iha estética, mas também indicava devoção a algumas entidades religiosas afro-brasileiras, além de autoridade e poder exercidos por algumas dessas usuárias.

As imagens, significados e valores atribuídos aos amuletos nunca foram facilmente compreendidos pelo cronista antigo ou pelo historiador moderno. Mas esses objetos permanecem como pequenos fragmentos que podem esclarecer os mais diversos costumes, rituais, ações e relacionamentos sociais no passado e no presente. E de-



monstram, também, o modo como certos grupos e indivíduos atribuíram poderes aos símbolos e como escolheram formas para representar esses poderes. Um bom exemplo disso é a cruz, que através dos séculos fascinou, protegeu, amedrontou e conduziu as pessoas, inclusive as não cristãs. ■

EDUARDO FRANÇA PAIVA é professor de História na Universidade Federal de Minas Gerais e autor do livro *Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

Poderosos talismãs

Penca de balangandãs – Surgida na América portuguesa, é um conjunto de berloques ou enfeites – em ouro, prata, ferro, pedras, madeira, dentes, ossos, sementes – dispostos em uma espécie de alfinetão, ao qual se prende uma grande corrente que, colocada em diagonal, do pescoço até a cintura feminina, deixava-a ai pendente. Os tipos de penduricalhos eram muito variados e suas origens podiam ser renascentistas, africanas ou brasileiras, por exemplo.

Estrelas-de-Davi – Muito antiga, a estrela de cinco e de seis pontas significava entre os gregos bom agouro e prevenção contra doenças. Mais tarde, apropriada por árabes e por judeus, ficou conhecida como Signum Salomonis ou Estrela-de-Davi, evocando sabedoria e proteção contra o mau-olhado.

Bolsas de mandinga – Os mandinga eram um povo que habitou extensa área da África subsaariana. Na região do antigo império Mali, eles se especializaram em práticas mágicas que fechavam o corpo dos governantes contra os inimigos, dando-lhes, ainda, o poder de ver através das paredes. Evidentemente, eles próprios traziam seus corpos fechados a doenças, balas, facadas, pragas e malefícios. E em terras africanas já misturavam práticas e crenças tradicionais africanas às muçulmanas. Por conta dessa conversão mestiça, muitos aprenderam a ler e a escrever em árabe, usando para isso, principalmente, o texto do *Corão*, livro sagrado muçulmano. Transpostos como escravos para a América portuguesa, exerceram o mesmo poder mágico que ostentavam do outro lado do Atlântico. Escreviam em tiras de papel versos e orações árabes, colocando-os dentro de pequenas bolsas que portavam, principalmente, em volta do pescoço, para trazer proteção e poder

ao usuário. A associação do termo mandinga à idéia de feitiçaria no Brasil surgiu em função dos ritos mágicos desse antigo povo e da classificação européia deles.

Pedra Bezoar – Material cristalizado, formado no estômago de alguns animais. Originária da Índia, era usada contra envenenamento e diversas doenças, como a melancolia, além de ser considerada como poderoso afrodisíaco. Podia ser trazida como pingente e foi muito utilizada na Europa, América espanhola, e na Ásia, pelos árabes. No Brasil não foi usada com frequência.

Âmbar – Material orgânico, derivado de um tipo de pinheiro muito antigo, que, fossilizado, foi largamente usado na Europa para absorver mau-olhado e outros males. No Brasil também foi adotado, embora apareça pouco nos documentos.

Medalhas, santinhos e escapulários – Objetos de proteção, populares entre homens, mulheres e crianças no Brasil colonial, permanecem até hoje com essa função característica. Como todo amuleto ou talismã, devem ser consagrados antes de terem validade protetora.

